



Mal-entendido em Moscou
BEAUVOIR, Simone. *Mal-entendido em Moscou*. Rio de Janeiro: Record, 2015, 142 p.

Vicentonio Regis do Nascimento Silva(*)

Nos espelhos e nas fotografias seu reflexo havia perdido o frescor:
mas ela ainda se reconhecia (p.72).
A indiferença nos invade quando envelhecemos (p.75).

Finda-se o corpo, eterniza-se o espírito, prevalece a obra. Assim, poderíamos pensar a trajetória de Simone de Beauvoir que, mais de trinta anos após sua morte, volta a ocupar lugar de destaque nos principais meios de comunicação depois dos ataques de conservadores furiosos contra trechos de sua obra transcritos no ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio. Passada a celeuma, outra boa surpresa aparece: a primeira edição brasileira de *Mal-entendido em Moscou*, romance de pouco mais de cento e quarenta páginas que narram confrontos e conformidades de casal maduro, entrando na velhice.

Nicole e André partem de Paris – onde mantêm vida cotidiana ligada aos trabalhos políticos e intelectuais e ao filho – para a Rússia com a finalidade de visitar Macha, filha de André com Claire, ex-mulher cuja presença eventualmente aparece no enredo. Macha mostra-se independente tanto no aspecto intelectual quanto no financeiro: “Ela trabalhava em uma editora em Moscou que publicava obras clássicas de autores russos em francês, e em uma revista destinada a outros países com textos

(*) Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: vicrenos@yahoo.com.br.

contemporâneos. Traduzia mas também lia, escolhia e propunha” (p.28). Assim como o pai, gosta das nuances políticas, integrando “[...] o campo que chamava de liberal, que lutava contra o academismo, o dogmatismo, as reminiscências do stalinismo” (p.31).

André tem 64 anos. Em Paris, despende parte de sua semana auxiliando presos, perseguidos e exilados políticos. “Ler, conversar, passear, para isso ele estava sempre disposto. Mas os trabalhos ingratos – como aprender uma língua, preencher fichas – ele deixava para depois. Então ele não deveria ter levado este mundo tão a sério. Sério demais, leviano demais” (p. 21). Provavelmente, assim como atormentará Nicole, a velhice também atinge André que já inicia as distinções de quem questiona o tudo e o nada, tateando, ainda no escuro, os limites entre morte e vida: “E eis que a vida se fechava ao seu redor; nem o passado nem o futuro lhe ofereciam mais um álibi. Era um sexagenário, um velho aposentado que não havia realizado nada” (p.35-36).

O problema da idade então se arrasta de modo que o narrador heterodiegético volta a adentrar os pensamentos da personagem:

E ninguém tinha a mesma idade que os dois. Como todos eram jovens! Ele fora. Lembrava-se do gosto ardente e terno que tinha, então, a vida: esta noite era deles, que sorriam para o futuro. Sem futuro o que era o presente, mesmo no perfume de lilases e no frescor da alvorada da meia-noite? Por um instante, ele pensou: é um sonho, vou acordar, pego de volta meu corpo, tenho vinte anos. Não. Um adulto, homem de idade, quase um idoso. Ele os olhava com um espanto invejoso: por que não sou mais um deles? Como isso pode acontecer comigo? (p.87).

Nessa perspectiva de vida célere, André assimila as frustrações da finitude representadas pelas dezenas de imposições – físicas, psicológicas e, principalmente, sociais – que o impedem de trilhar o percurso de antes: “E viver era para André uma eterna invenção, uma aventura na qual a levava: alegre e imprevisível. Mas agora lhe dava a impressão de vegetar: a velhice é isso, eu não a quero” (p.113).

A velhice – tão realçada pelo narrador em relação a André – também persegue Nicole, cujos primeiros sinais de passagem do tempo aparecem nas considerações sobre o corpo. Se, para os homens, transmutados

metonimicamente em André, invoca-se a velhice menos ferozmente, para as mulheres, ela é praticamente arrasadora. O corpo feminino torna-se objeto aos quais os adornos e os vestuários apagam as lembranças do desejo da personagem/mulher para si e de personagem/mulher para o outro: “Aos cinquenta anos, suas roupas lhe pareciam ou tristes demais ou muito alegres. Agora, ela sabia o que lhe era permitido ou proibido, e se vestia sem preocupação. Sem prazer também. Aquela relação íntima, quase terna, que antes tinha com suas roupas não existia mais” (p.23-24). A mudança do corpo – ou a tentativa de impedir suas transformações – não se limita à roupa, mas se estende ao controle disciplinar da silhueta: “– Perdi cinco quilos. E tomo cuidado para não os recuperar. Eu me peso todos os dias” (p.26). Ou, mais adiante: “– Só vou comer dois ovos cozidos – avisou Nicole. – A senhora não está com fome? – Sim, mas não quero engordar” (p.40).

Em muitos de seus escritos, Simone de Beauvoir já alertara acerca dos problemas enfrentados pela mulher. Contudo, assevera a filósofa, a mulher “mais velha”, a “mais experiente”, a “mais idosa” defronta-se com imbróglios ainda mais complexos em decorrência de a juventude – e, especialmente, os benefícios que esse período da vida oferta – ter se esvaído. Assim, as ponderações a respeito da chegada aos sessenta anos provocam desacertos e preocupações.

Diziam isto constantemente: a senhora tem um ar jovem, vocês são jovens. Elogios ambíguos que anunciam futuros penosos. Manter a vitalidade, a alegria e a presença de espírito é continuar jovem. Logo, são próprios da velhice a rotina, a melancolia, a caduquice. Dizem: a velhice não existe, não é nada; ou então: é muito bonita, muito tocante; mas, quando a encontram, fantasiam-nas em palavras mentirosas. Macha dizia: a senhora é jovem, mas pegou Nicole pelo braço. No fundo, era por causa dela que, desde a chegada, Nicole sentia o peso de sua idade. Dava-se conta de que conservava a imagem que tinha de si mesma aos quarenta anos: ela se reconhecia nessa jovem e vigorosa mulher; principalmente porque Macha era cheia de experiências e autoridade, tão madura quanto Nicole: duas semelhantes. E depois, de repente, um gesto, uma inflexão de voz ou uma atenção lhe lembravam de uma diferença de vinte anos entre as duas – que estava com sessenta anos (p.58-59).

É justamente a partir da oposição entre passado (mulher de quarenta anos) e presente (mulher de sessenta anos) que os sonhos e as fantasias

cedem lugar aos impactos da realidade: “Senilidade. Ela conhecia de cor as definições do dicionário, cuja disparidade a surpreendera. Juvenildade: caráter do que é juvenil. Senilidade: enfraquecimento do corpo e do espírito produzido pela velhice” (p.61).

A velhice então se manifesta física, social e psicologicamente, desenterrando sentimentos de ausência, esquecimento, isolamento e solidão, constatados nos tempos em que antes “[...] tudo era novidade; desta vez, quase nada” (p.55). O tempo – anteriormente simbolizando as conquistas e as ambições – é, agora, o enfado e o início do desmoronamento:

Macha tinha proposto uma caminhada. Mas, como eles haviam andado muito o dia todo, Nicole estava cansada. Um vexame; antigamente ela andava quilômetros com tanta alegria quanto André! Agora, toda noite, após longas perambulações pela cidade, suas pernas a traíam. Nicole não deixava que ele percebesse. Mas era uma besteira esconder isso. Eles passaram em frente a um banco vazio, algo raro, melhor aproveitar. Sentaram-se (p.54).

Embora pormenorize os confrontos de André e de Nicole com a chegada da velhice, o narrador privilegia os enfrentamentos da personagem feminina: a ilusão da juventude na vida profissional, na sexualidade, no papel social da mulher, nas quimeras do amor e na submissão/dependência. Dessa maneira, o abandono da sala de aula não é motivo de comemoração:

[...] Nicole, sessenta anos, professora aposentada. Aposentada: era difícil acreditar. Ela se lembrava do primeiro cargo, da primeira turma, das folhas mortas que estalavam sob os pés no outono de sua província. Então o dia da aposentadoria – separado dela por um lapso de tempo duas vezes mais longo, ou quase, que o quanto vivera – lhe parecia irreal como a morte. E ele havia chegado (p.76-77).

Em sua “Carta sobre a felicidade”, Epicuro ressalta o papel duplo da filosofia: rejuvenescer os velhos, amadurecer os jovens. Em algumas situações, a vida cria ilusões, permitindo ao indivíduo enganar-se a si mesmo.

[...] Durante muito tempo, suas turmas lhe deram a ilusão de que sua idade não mudava: a cada novo ano, ela os encontrava, tão jovens, e se integrava a esta imobilidade. No oceano do tempo, ela

era uma rocha imóvel atingida por ondas sempre novas, sem erodir. E agora a correnteza a levava e a levará até que encalhe na morte. Tragicamente sua vida fugia. E, no entanto, era um gotejar de hora a hora, minuto a minuto. [...] Meus dias escapam de mim a galope, e em cada um deles eu me perco (p.91-92).

Se o papel do professor é ensinar, o papel do intelectual é refletir tanto sobre sua condição individual quanto sua inserção no mundo. Nesse ponto, o primeiro passo é reconhecer o problema, enfrentando-o em seguida e, por fim, apresentando uma solução. Nicole concretiza o primeiro passo: “Reprimida pela antiga rigidez, que nunca vencera por completo, porque nunca tinha aceitado inteiramente sua condição de mulher” (p.79). Seguem-se o enfrentamento e a solução:

[...] “Uma moça pode.” Ela continuou seus estudos, jurou contrariar seu destino: escreveria uma tese notória, teria uma cátedra na Sorbonne, provaria que o cérebro de uma mulher vale tanto quanto o de um homem. Nada disso aconteceu. Ela deu cursos e militou nos movimentos feministas. Mas, como as outras – estas outras de quem não gostava –, deixou-se absorver por seu marido, seu filho, seu lar (p.80-81).

Abdicou dos projetos pessoais e dos planos de ascensão intelectual para, assim como as outras mulheres, sofrer com as submissões amorosas e sexuais. Em relação ao sexo, “na cama, dali em diante, ela ficara fria: é preciso se amar um pouco para sentir prazer nos braços de outra pessoa. André não compreendeu isso de imediato, mas pouco a pouco ele se deixou invadir por sua frieza” (p.73). Gostava de André, mas deveria manter o casamento mesmo sem amor?

Um casal que continua porque começou: seria esse o futuro que os aguardava? De amizade, de afeição, mas sem uma verdadeira razão para viver juntos: seria assim? Havia existido verdadeiras razões, no começo. Ela, que se rebelava assim que um homem tentava mostrar a menor superioridade, fora conquistada por André por uma espécie de ingenuidade que não tinha visto em ninguém; seu ar desconsolado a desarmava quando ele suspirava [...] (p.129).

Aos poucos, à velhice adicionam-se as reflexões. Entre sexo, companheirismo e amor, reconhece o pêndulo da balança inclinando-se a favor do marido ao lado de quem (sempre?) figurou na sombra:

[...] Sempre havia sido assim: se estivesse contente, ela deveria estar também. De fato não houve uma simetria verdadeira entre suas vidas. André teve exatamente o que desejou: um lar, filhos, lazeres, prazeres, amizades e algumas agitações. Ao passo que ela havia renunciado a todas as suas ambições da juventude: por causa dele. André nunca se deu conta. Por causa dele ela era esta mulher que não sabia mais como empregar o tempo que lhe sobrava para viver (p.107).

As mágoas, as resignações e as angústias de ambos os lados – tanto de Nicole quanto de André – manifestam-se na circularidade nas frases iniciais do romance (“Ela ergueu os olhos do livro. Que tédio, todas essas arengas banais sobre a não comunicação! Quando se quer comunicar, mal ou bem, consegue-se” – p. 11), retomam-se na metade do enredo (“Então é verdade o que alegam, que a comunicação não é possível, que ninguém entende ninguém?, perguntava-se Nicole” – p.111) e encerram-se no plano textual sem enclausurar os efeitos na/a leitor/a (“Poder conversar é uma grande sorte, disse ela. É compreensível que, nos casais que não sabem se aproveitar das palavras, os mal-entendidos formem bolas de neve e acabem por estragar tudo entre eles” – p. 141).

Em última análise, o mal-entendido na capital da Rússia transforma-se: as frustrações levam Nicole e André a repensarem suas vidas. A circularidade da comunicação, constatada no parágrafo anterior, é, metaforicamente, a circularidade de mortes de sonhos e realidades, afetando-se, com mais gravidade, o grupo feminino simbolizado por Nicole.

Texto recebido em: 19/02/2018

Texto aprovado em: 20/06/2018